



2

**IMAGEM E
IMAGEM FOTOGRÁFICA**

Ricardo Crisafulli Rodrigues



1 Introdução

Quando se fala em banco de imagens, é necessário entender, primeiramente, o que é imagem e qual a sua importância na história da humanidade. Considerando-se que o homem começou a usar as imagens há cerca de 40.000 anos, e que a escrita surgiu há aproximadamente 3.500 anos, é possível constatar o papel que as imagens desempenharam como meio de comunicação e transmissão de conhecimento. Mesmo após o aparecimento da escrita, a imagem continuou desempenhando seu papel principalmente entre a população iletrada, importância minimizada após a invenção da imprensa, mas recuperada durante a Revolução Industrial com a invenção da fotografia.

Os preceitos de organização profissional das imagens inserem-se no campo da Ciência da Informação e podem ser aplicados nos grandes bancos de imagens ou nas pequenas bibliotecas institucionais ou particulares. No entanto, para a organização desse tipo de material, é preciso conhecê-lo melhor devido às suas peculiaridades, distintas das informações textuais, entendendo o seu significado e a forma como contribui para o desenvolvimento social, econômico, intelectual, doutrinário etc.

Este capítulo aborda, de forma genérica, a imagem e o seu papel na história, além das principais características da fotografia.

Outras características fundamentais para a organização das imagens em um banco de imagens – tais como qualidades técnicas e visuais, tipos de arquivos, armazenamento etc. – serão tratadas em capítulo específico sobre a organização de documentos em bancos de imagens.

2 Imagem

A imagem pode ser conceituada de acordo com as visões de diferentes pensadores ou por sua inserção nas diversas ciências e matérias. Em termos etimológicos, a palavra vem do latim *imago*, que significa representação visual de distintos tipos de objetos, seres e conceitos. Pode ser interpretada de forma concreta, quando se manifesta por meio de suportes físicos palpáveis e visíveis, ou de forma abstrata, quando se relaciona às imagens mentais dos indivíduos.

Além do seu caráter representativo, a imagem permite a comunicação humana, na sua acepção mais simples de emitir, transmitir e receber mensagens, tendo sido um dos fatores determinantes para o acúmulo de conhecimentos e para o desenvolvimento social, cultural, político, econômico, religioso e tecnológico ao longo dos séculos. Foi, portanto, um poderoso aliado para entendimento das comunicações orais feitas pelos primeiros, e poucos, letrados e intelectuais.

Os signos imagéticos¹ criados ao longo da história foram os que mais contribuíram com informações e que deram mais visibilidade aos estudos sobre o homem. A imagem desempenhou (e ainda desempenha) funções distintas entre as várias comunidades e civilizações nas diversas épocas – da Pré-História aos tempos atuais. Não obstante, seu papel como transmissora de conhecimento esteve sempre presente em todas as épocas e locais.

Os objetivos da criação das imagens “primitivas” eram, sobretudo, registrar fatos, acontecimentos e eventos da natureza com o intuito de entendê-los. Cumpriam, porém, a função de transmissão do conhecimento aos descendentes e, em última instância, permitiam a dominação de uns homens sobre os outros. Traziam consigo não só seu aspecto visível (denotativo), mas também discursivos (conotativos) concretos e/ou abstratos.

Quase sempre as imagens primitivas tinham como discurso questões relacionadas à proteção contra eventos da natureza, caça, fertilidade, deuses etc., e foram, desde cedo, manipuladas por sacerdotes ou magos e outros detentores do poder.

Nas várias épocas da história, aqueles que governavam² – e que governam – constantemente fizeram uso da imagem nas mais diversas formas (pintura, escultura, desenho, fotografia, cinema, TV etc.) para direcionar as pessoas, forçando-as, de certa maneira, a aceitarem suas ideias, sentimentos e ideologias.

Durante um grande período, as imagens significaram aspectos místicos, culturais e informativos, mais que questões estéticas e decorativas. Localizavam-se, portanto, em locais considerados públicos, que variavam conforme o seu tipo, facilitando o entendimento pretendido pelas autoridades.

¹ Os signos imagéticos envolvem inúmeros tipos de imagens e grande quantidade de técnicas e materiais que são utilizados para a sua produção, incluindo: madeira, pedra, argila, osso, couro, materiais orgânicos em geral, metais, papéis, acetatos, suportes digitais, desenho, pintura, escultura, fotografia, cinema, televisão, web.

² Reis, igrejas, governos, intelectuais, professores, mídias de comunicação e de publicidade etc.



Na Pré-História, abrigavam-se nos interiores das grandes cavernas, onde podiam ser vistas apenas com fins específicos, o que evidenciava seu significado místico e religioso.

Na Antiguidade, grandes monumentos e esculturas em locais públicos permitiam às populações assimilarem sua temática mística e religiosa, mas também cultural e informativa.

Nas igrejas e grandes catedrais da Idade Média, por meio de esculturas, alto relevo, grandes vitrais e, principalmente, pinturas, exerciam uma função decorativa que era destinada, em grande parte, a transmitir conhecimentos e discursos com temáticas determinadas e desejadas pela Igreja. Havia também a chamada *Bíblia dos Pobres*, com discursos dirigidos aos padres de pouca cultura e aos milhares de fiéis analfabetos. A *Bíblia dos Pobres* compunha-se essencialmente de imagens bíblicas com textos explicativos que descreviam cada imagem. Essas *bíblias* ficavam inicialmente disponíveis nas catedrais e igrejas para serem “lidas” pelos clérigos, que as interpretavam para os fiéis de acordo com os interesses da Igreja.

A invenção da imprensa, por volta de 1450, permitiu a popularização da educação, das ciências, da escola, da leitura e das imagens. Trouxe consigo, no entanto, na maior parte dos países, uma rígida e violenta censura prévia, em especial pela Igreja, sobre o que era produzido. Temia-se que os novos livros *profanos* colocassem em risco a fé e os ensinamentos sagrados. Apesar disso, muitos livros foram produzidos clandestinamente, em várias esferas do conhecimento, nos quais se inseriam ilustrações e imagens com temáticas consideradas profanas e/ou obscenas.

Durante o Renascimento Italiano, pinturas, desenhos e ilustrações ganharam novas formas de divulgação decorrentes da invenção da imprensa, ampliando-se, de modo significativo, as temáticas até então vigentes, que passaram a incluir, além dos temas religiosos, discursos ligados a assuntos profanos e a estudos técnicos e científicos, como aqueles de Leonardo da Vinci e Michelangelo.

Os locais de uso também se expandiram dos ambientes públicos para privados, e a imagem, principalmente a pintura, começou a ter dimensões estéticas e decorativas, sendo encomendada aos grandes mestres para decorar salas em palácios de famílias abastadas.

Durante a Revolução Industrial, a imagem passou por alterações na ordem de importância de sua tipologia. As ilustrações passaram a ter maior re-

levância e começaram a fazer parte de livros, revistas, jornais, cartazes etc. A temática dessas ilustrações, em forma de desenhos, incluíam, em sua maioria, fatos, acontecimentos e ações do cotidiano da época.

Ainda no contexto da Revolução Industrial, surge a fotografia, modernizando a técnica da ilustração e transformando o conceito do uso da imagem para fins de informação e transmissão de conhecimento. Inicialmente utilizada pelas revistas, jornais, livros, cartazes, folhetos, *outdoors* etc., a fotografia ganhou grande projeção na atualidade, após o surgimento das máquinas digitais e dos *smartphones*. Com o advento da Internet, praticamente todas as regiões do mundo podem ser atingidas, quase instantaneamente, após a fotografia ser criada, produzindo reações nas pessoas que dela tomam conhecimento.

3 A Imagem Fotográfica

Principal tipo de imagem produzida atualmente, chegando a trilhões por dia, a fotografia será tratada com mais detalhes, por ser o item mais significativo armazenado nos bancos de imagens de todo o mundo. Além disso, diferentemente dos demais tipos, a fotografia é uma forma de imagem que depende da preexistência de um objeto ou ser.

Conforme sua origem grega, a palavra fotografia é formada pelas palavras *foto*, que significa luz, e *grafia*, que significa escrita. Assim sendo, fotografia é a arte de escrever com a luz. Teoricamente, não há como se fazer fotografia sem a existência de um mínimo de luz. Existe ainda a definição japonesa, que significa uma forma de expressão visual, constituída pelo termo *sha-shin*, ou seja, reflexo da realidade.

A fotografia baseia-se em dois princípios fundamentais, sendo um de ordem física e o outro de ordem química. O processo físico, que tem origem na Antiguidade, passando pelos pintores renascentistas, manteve-se inalterado durante toda a história, sendo um dos pilares da fotografia. Houve, entretanto, uma grande evolução tecnológica, pois as lentes ou objetivas antigas desenvolveram-se de simples vidros óticos a lentes de cristal de altíssima precisão e capacidade de captação de imagens.

Todavia, o processo relacionado à parte química sofreu, com os anos, mudanças profundas que levaram à criação dos filmes fotográficos e à sua pos-



terior transformação em sensores CCD (Charge-coupled Device) e CMOS (Complementary Metal-oxide Semiconductor) com o advento da fotografia digital. O químico virou eletrônico; o filme converteu-se em sensor de fotocélula. Mas, apesar dessas transformações, tanto a fotografia química quanto a eletrônica são puramente fotografias.

Levando-se em conta a sua condição de suporte da informação imagética baseado em coisas ou seres preexistentes, a fotografia sempre teve e terá papel significativo na comunicação humana, registrando momentos pessoais ou coletivos considerados importantes, além de fatos relevantes para o conhecimento da história, da cultura, da ciência, das artes, dos esportes, da moda, da política e de toda a história da humanidade.

4 Tipos ou técnicas fotográficas

Conforme a literatura, a fotografia pode ser classificada por tipos ou técnicas, sendo os mais comuns:

- FOTOGRAFIA PUBLICITÁRIA**
- FOTOGRAFIA JORNALÍSTICA**
- FOTOGRAFIA DE MODA**
- FOTOGRAFIA DE NATUREZA**
- FOTOGRAFIA DE VIAGEM**
- FOTOGRAFIA DE EVENTOS SOCIAIS**
- FOTOGRAFIA DE CASAMENTO**
- FOTOGRAFIA DE PESSOAS (RETRATOS)**
- FOTOGRAFIA DE PAISAGENS URBANAS**
- FOTOGRAFIA DE OBJETOS E PRODUTOS**
- FOTOGRAFIA DE ANIMAIS**
- FOTOGRAFIA DE ESPORTES**

Cada um desses tipos ou técnicas pode cumprir papéis diferenciados na transmissão do conhecimento, levando as fotografias a desempenharem diferentes funções, de acordo com os momentos e as circunstâncias em que serão utilizadas.

5 Funções da Fotografia

As funções mais comuns desempenhadas pela fotografia são:

5.1 Função de memória fisionômica

Permite que se acompanhe a evolução física dos diversos seres vivos, especialmente de pessoas e animais, registrando cada fase de sua vida, do nascimento à morte. Mostra detalhadamente as transformações ocorridas nos seus aspectos físicos, caracterizando cada etapa vivida.

5.2 Função de memória de vida

Acompanha as diversas atividades pessoais e profissionais de uma pessoa, criando-se, com isso, uma memória pessoal e profissional de sua vida, atestando que a pessoa viveu determinados momentos e situações pessoais e profissionais. Mostra, ainda, os diversos momentos fisionômicos de um ser, da infância à vida adulta.

5.3 Função de memória evolutiva de obras, acontecimentos, atividades e ações

Permite o acompanhamento e a evolução de determinadas atividades, ações, acontecimentos e obras, exercendo uma atividade de memória evolutiva e registrando, a cada momento, o estágio em que se encontram.

5.4 Função de apoio profissional

Algumas profissões necessitam de imagens fotográficas para a realização de suas atividades. Para isso, registram-se determinados momentos, etapas, situações, fatos, características, esquemas, fluxos etc. de um trabalho, com vistas a apoiar a sua correta realização e desenvolvimento. Em determinados casos, é praticamente impossível exercer a profissão de maneira adequada sem o apoio de um conjunto de fotografias, como é o caso da perícia criminal.



5.5 Função histórico-documental

A fotografia exerce função histórico-documental quando assume – em conjunto com outros tipos de documentos, particularmente os textuais – o papel de memória histórica de fatos, acontecimentos, costumes, cultura, moda, religião, política, esportes etc.

5.6 Função de convencimento e persuasão

A publicidade e a propaganda fazem uso de técnicas de convencimento e persuasão para vender produtos e serviços e para produzir, alterar e divulgar ideias, ideologias e doutrinas, utilizando-se, para isso, de textos, sons e imagens, sobretudo fotografias.

Notadamente a partir de sua difusão em revistas, jornais e, principalmente, na web, a fotografia vem desempenhando essa função de forma bastante eficiente, surgindo como um dos mais poderosos instrumentos de influência comportamental, talvez pelo fato de as pessoas acreditarem na sua pretensa verdade.

5.7 Função de registro de paisagens naturais

Essa função permite registrar momentos e acontecimentos da paisagem natural, tais como montanhas, planaltos e planícies, desertos, mares, praias, rios e lagos, animais, pássaros, árvores e flores, fenômenos naturais etc. Ainda permite registrar viagens e experiências com a natureza, além de divulgar as belezas de determinadas regiões com o intuito de atrair turistas. É utilizada também para documentar a fauna, a flora e os acidentes geográficos para memória e estudos.

5.9 Função de registro arquitetônico

Incluem-se nessa função todas as fotos de construções destinadas a abrigar – para habitação, depósito ou estadas eventuais – seres humanos, animais, plantas e objetos, além de outras destinadas a permitir a locomoção de pessoas e animais. Serve para mostrar tendências arquitetônicas nas diversas épocas, mostrar atrações turísticas e para fins comerciais, quando realizada para publicidade imobiliária.

5.10 Função jornalística

O jornalismo, para a transmissão de informações, utiliza-se de texto, som e imagem, sendo esta última constituída majoritariamente de fotografias. Todos os assuntos e áreas do conhecimento são passíveis de serem abordados pela fotografia jornalística.

A função jornalística, devido às suas características essencialmente informativas que lhe atribuem um grau de verdade, é um tipo especial de função. Quando vista juntamente com uma matéria textual, é imediatamente assimilada como representativa de um fato real gravado, cuja veracidade é inquestionável.

5.11 Função de simbolismo

A função de simbolismo acontece quando uma determinada foto, devido ao seu uso ou ao impacto que causa no público, pode passar a simbolizar algum acontecimento ou alguma coisa. Esse simbolismo pode ser passageiro, isto é, durante determinado período em que o acontecimento está em evidência, ou pode perpetuar-se.



6 A Realidade e o Referente

A fotografia apresenta sempre um ar de realidade, de algo que existe ou que já existiu. Essa suposta realidade liga-se à forma mecânica pela qual a fotografia é produzida e que dá sensação de verdade. Diferentemente de outras formas de produção artística (pintura, desenho, escultura etc.), que surgem a partir da imaginação do artista, a fotografia (e, também, o cinema e a televisão) necessita da existência *a priori* de um referente (objeto, local, situação ou um ser vivo) para ser produzida. Além disso depende de aparatos mecânicos (câmera fotográfica, objetivas, filtros etc.) para o seu registro. A existência do referente atribui à fotografia, portanto, certo sentimento de realidade e verdade em relação ao ambiente registrado.

A realidade na fotografia ainda é objeto de estudos de muitos teóricos. Dubois (1993, p. 28) indica três momentos da fotografia em relação à realidade e ao referente: 1) a fotografia como espelho do real; 2) a fotografia como transformação do real; e 3) a fotografia como traço de um real.

A fotografia como espelho do real considerava-a como a imitação mais perfeita da realidade. Essa concepção definiu a fotografia como uma reprodução fiel da realidade, um espelho do mundo.

A fotografia como transformação do real indicava que o fotógrafo, ao criar uma imagem, definia aquilo que desejava mostrar, isto é, a porção da realidade que deveria ser vista, em que posição, sob que luz, com que cores, a que distância etc. Nesse caso, o fotógrafo poderia transformar a realidade como quisesse, e a fotografia não seria uma cópia do real, mas uma realidade transformada.

A fotografia como traço de um real é, de algum modo, um ajuste entre as duas primeiras teorias. Nesse caso, a fotografia não se separa da realidade, que estará sempre presente por meio de um referente que existe ou existiu. É uma prova real de algo acontecido de determinada forma, em um tempo específico e num determinado espaço. A marca do referente está presente na imagem e, assim, a fotografia é inicialmente um *índice*, ou seja, um sinal da existência de algo, de uma “primeira realidade”, para tornar-se, posteriormente, um *ícone* com um sentido, ou seja, uma “segunda realidade” representativa de algo.

O referente fotográfico constitui-se apenas em uma “primeira realidade” à espera de ser registrada para se transformar numa “segunda realidade”. O seu uso pelo fotógrafo é um ato criativo, embora nem sempre artístico. No momento imediato à realização da foto, inicia-se a interpretação do referente, isto é, toda a polissemia e ambiguidade que pode despertar nas diferentes pessoas ao verem a imagem.

7 Polissemia, Denotação e Conotação

A fotografia possui três características básicas relacionadas à sua interpretação e ao seu entendimento, e que influenciam e impactam, de modo significativo, a sua organização em bancos de imagens: polissemia, denotação e conotação.

A polissemia (*poli* = muitas e *semia* = significados) refere-se, basicamente, a algo que pode ter vários significados, a depender dos diferentes contextos em que estiver inserida.

Na fotografia, refere-se às diversas interpretações que uma mesma foto pode oferecer, dependendo do seu objetivo e do local de uso e da função. Acontece, em suma, devido às diferenças na capacidade de percepção e de interpretação entre as pessoas que percebem e interpretam uma imagem conforme as reações e particularidades de seu sistema visual e de acordo com suas imagens mentais, suas cognições, sua cultura e sua educação.

Os meios de comunicação, que necessitam de objetividade nas suas notícias e matérias, utilizam-se de legendas que direcionam o público para o significado da imagem no contexto pretendido.

A polissemia provoca a existência de dois sentidos na fotografia: a denotação e a conotação. O entendimento desse sentido é fundamental para a organização das fotos num banco de imagens.

A denotação remete à “primeira realidade” e ao seu referente, e situa-se no campo da percepção, indicando aquilo que a imagem representa com certa precisão, no seu sentido real, não havendo espaços para interpretação.

A conotação relaciona-se mais diretamente à “segunda realidade” e situa-se no campo da interpretação, indicando aquilo que a imagem pode “representar” em um determinado contexto, em um sentido figurado e simbólico.

De acordo com Shatford (1994, p. 584), a denotação e a conotação representam-se, respectivamente, pelas expressões DE e SOBRE. O DE indica o “do que” a fotografia é feita (denotativo). O SOBRE indica “aquilo que a foto trata” (conotativo).

Normalmente uma foto indica um DE, podendo ter vários SOBRE, como pode ser visto no exemplo da Imagem 2.1.



Imagem 2.1 - Aqueduto de Segóvia. Espanha 2016
Fonte: Elaborado pelo autor (2016).

A foto é DE: **um aqueduto**

A foto pode ser SOBRE:

**ESPAÑA
CIDADES HISTÓRICAS DA ESPANHA
SEGÓVIA
TURISMO NA ESPANHA
AQUEDUTO ROMANO
HISTÓRIA ROMANA
CIVILIZAÇÃO ROMANA
ABASTECIMENTO DE ÁGUA
INFRAESTRUTURA ANTIGA
ARQUITETURA ANTIGA
ARQUITETURA ROMANA
ENGENHARIA ANTIGA
ENGENHARIA ROMANA**

8 Conclusão

O presente capítulo procurou indicar, em linhas gerais, as principais características históricas da imagem e as distinções conceituais da imagem fotográfica.

Longe de esgotar o assunto, fornece uma ligeira pincelada sobre os temas que podem ser melhor estudados nos itens apresentados na bibliografia fornecida no final do texto, principalmente na tese de doutorado deste autor (*Análise e tematização da imagem fotográfica: determinação, delimitação e direcionamento dos discursos da imagem fotográfica*), em que é feito um estudo completo sobre a imagem nos diversos períodos da história, além de uma análise sobre os diversos aspectos da fotografia, incluindo história, características técnicas e visuais, análise de assuntos, tematização e organização.

Referências

DUBOIS, P. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papyrus, 2007.

LAYNE, S. S. Some issues in the indexing of images. **Journal of the American Society for Information Science**, Syracuse, v. 45, n. 8, p. 583-584, 1994.



Bibliografia Complementar

- AUMONT, J. **A imagem**. 9. ed. Campinas: Papyrus, 2004. 320 p.
- BAUMGART, F. **Breve história da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 376 p.
- FISCHER, S. R. **História da leitura**. São Paulo: Unesp, 2006. 337 p.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 2007.
- KOSSOY, B. **Os tempos da fotografia**. São Paulo: Ateliê, 2007. 174 p.
- KOSSOY, B. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê, 2002. 149 p.
- PANOFSKY, E. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2007. 440 p.
- RAMOS, Menandro. Um breve ensaio sobre a fotografia e a leitura crítica do discurso fotográfico. **Studium**, Campinas, n. 23, 2006. Disponível em: <<https://www.studium.iar.unicamp.br/23/03.html?ppal=>>>. Acesso em: 23 abr. 2023.
- RODRIGUES, R. C. Análise e tematização da imagem fotográfica. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 36, n. 3, p. 67-76, set./dez. 2007.
- RODRIGUES, R. C. **Análise e tematização da imagem fotográfica**: determinação, delimitação e direcionamento dos discursos da imagem fotográfica. 2011. 323 fls. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB_b71fe6b1e20dd0c3fcd7d5c02b98f975. Acesso em: 22 mar. 2023.
- RODRIGUES, R. C. Photographic Image: Thematization of Its Discourses. **Journal of Signal and Information Processing**, v. 4, n. 4, nov. 2013. DOI: 10.4236/jsip.2013.44053

COMO CITAR ESTE CAPÍTULO:

RODRIGUES, Ricardo Crisafulli. Imagem e imagem fotográfica. *In*: MACÊDO, Diego José; SHINTAKU, Milton (org.). **Imago**: reflexões para proposição de banco de imagens. Brasília: Ibict, 2023. Cap. 2, p. 14-27. DOI: 10.22477/9786589167440.cap2